
PARTE II

Olhares sobre a construção
das identidades
religiosas ocidentais

...na Modernidade

A viagem de Frei André de Faro à Guiné (1663 e 1664)

Introdução

*Lamentando estas
práticas religiosas,
que denominou de
«adorações ao diabo»,
afirmou que a falta de
ministros do evangelho
não ajudava a resolver
esta questão porque
a presença de
religiosos na região
ajudava a eliminar
estas práticas.
De modo geral,
André de Faro chegava
às aldeias e povoações,
estabelecia contactos
com a população,
colocava em prática
o seu projeto
evangelizador e no final
imprimia o seu olhar,
um olhar de viajante
europeu, sobre as
realidades africanas.*

Carlene Recheado

*Doutoranda em História
da Expansão Portuguesa*

O presente artigo tem como principal objetivo a análise da viagem missionária do franciscano capucho André de Faro a Guiné, tendo como principal fonte o relato feito pelo missionário intitulado «Peregrinação de André de Faro à Terra dos Gentios (1664)¹». Este trabalho levanta a questão da problemática da missão franciscana na região dos «Rios da Guiné», na medida esta área continental do bispado de Cabo Verde, que compreendida uma faixa territorial de cerca de 320 léguas, que se iniciavam no rio Gâmbia e iam até ao rio de Santo André, atualmente Sassandra na Costa do Marfim, era onde encontravam-se os povos não cristãos- os gentios- da diocese, objeto da ação missionária.

Peregrinação de André de Faro

No decorrer do século XVII, uma acentuada presença de missionários franciscanos marcou a história religiosa dos Rios da Guiné. Trabalharam na região ca-

¹ SILVEIRA, Luís, ed. Peregrinações de André de Faro a Terra dos Gentios - Tipographia Portugal Brasil / Livraria Bertrand - S.A.R.L. - Lisboa, 1945; «Relação de André de Faro sobre as Missões na Guiné», in *Momumenta Missionaria Africana*, coligida e anotada por António Brásio - África Ocidental, 2.ª Série, vol. VI, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1991, pp. 178 e 257.

CARLENE RECHEADO

puchinhos franceses e espanhóis e capuchos portugueses². Os primeiros foram enviados pela Congregação para a Propaganda Fide, enquanto os capuchos estavam ao serviço do padroado português. É neste contexto de apogeu missionário na Guiné que aparece o capucho André de Faro – objeto do nosso estudo-, que fez parte da segunda missão capucha na diocese de Cabo Verde.

Esta missão foi constituída por 12 religiosos, que embarcaram em Lisboa com destino à ilha de Santiago, em Cabo Verde, no dia 27 de Maio de 1662. Depois de 16 dias de viagem chegaram à ilha do Maio, tendo seguido viagem para a de Santiago quando avistaram uma embarcação, que aparentava ser um navio pirata. No mesmo dia, chegaram ao porto da vila da Praia, na ilha de Santiago. No dia 11 de Junho de 1662 amanheceram no porto da cidade de Ribeira Grande³.

Esta missão é muito rica a nível de fontes para o estudo do quotidiano missionário, graças à relação de frei André de Faro sobre as missões da Guiné, nos anos de 1663 e 1664. Inserido no âmbito das literaturas de viagem, o relato do capucho português constitui uma importante fonte no que reporta à missionação dos capuchos portugueses na Costa Ocidental Africana.

André de Faro fez descrições das terras, das suas gentes, usos e costumes, e do relacionamento delas com os portugueses. A viagem de André de Faro e do seu companheiro frei Salvador Taveiro, pela terra dos gentios, teve um percurso diversificado e aleatório. O itinerário não correspondeu a um programa predefinido, mas tinha como finalidade chegar à Serra Leoa, região que exercia grande fascínio para os religiosos. Visitaram muitas comunidades cristãs criadas pelos seus antecessores, transmitindo-nos a ideia de quererem dar continuidade ao trabalho missionário.

O relato desta viagem constitui o essencial da odisseia de André de Faro e das narrativas do trabalho missionário de frei Salvador de Taveiro. O espaço geográfico percorrido pelos frades, é muitas vezes impossível de enquadrar cronologicamente, devido às referências imprecisas em relação ao tempo.

Dois meses depois da chegada dos capuchos à ilha de Santiago, a maior parte do grupo adoeceu. Por este motivo a missionação na costa da Guiné foi adiada. Nove meses depois, em 9 de Março de 1663, frei André de Faro, frei Salvador Taveiro e frei Francisco de Braga partiram para a costa da Guiné. Os religiosos chegaram à vila de Cacheu a 17 de Março de 1663, no domingo de Ramos, tendo sido recebidos pelo capitão-mor António da Fonseca de Ornelas e por frei Sebastião de São Vicente⁴, que se encontrava na Guiné em trabalho missionário há três anos. Frei Paulo de Lordelo, também religioso capucho, encontrava-se no reino de Banhnus edificando uma igreja, quando soube da chegada dos seus confrades regressou de imediato a Cacheu.

Os três religiosos recém-chegados ficaram hospedados no hospício de Cacheu e durante as festividades da Semana Santa ocuparam-se da assistência religiosa da co-

² Ver RECHEADO, Carlene, *As Missões Franciscanas na Guiné (Século XVII)*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

³ Francisco Santiago BARCELLENSE, *Chronica da Província de Nossa Senhora da Soledade*, Apresentação de Henrique Pinto Rema, Fac-símile Sara Costa, Lisboa, Província Portuguesa da Ordem Franciscana, [200-]-2009, p. 774.

⁴ Frei Sebastião de São Vicente fez parte da primeira missão de capuchos da província da Piedade na diocese de Cabo Verde, e aquando da chegada destes religiosos em Cacheu, encontrava-se há 3 anos na costa da Guiné, juntamente com frei Paulo de Lordelo.

munidade cristã da vila. Segundo narrou frei André de Faro, depois da Páscoa, embarcou na companhia de frei Paulo de Lordelo e Francisco de Braga «pelo rio acima» chegando ao reino dos Banhuns (porto de Quimjim) onde «fazíamos doutrina aos que herão ia bautizados». Uma vez neste reino, foram visitar o rei D. Diogo que já estava convertido ao catolicismo. Pediram autorização ao rei para retirar uma *China*⁵ que se encontrava perto do terreno onde estava a ser construída uma igreja. O rei atendeu ao pedido dos frades e mandou retirar a *China* do local. Este ato provocou grande insatisfação entre os seus súbditos. Amotinaram-se, ameaçando os religiosos caso a *china* não voltasse ao local⁶. Os religiosos escaparam ilesos graças à intervenção de alguns homens enviados pelo rei. Se, geralmente, os súbditos seguiam a religião do seu rei, neste reino o forte enraizamento das práticas animistas levou-os a protestar contra os representantes da nova religião do rei. O que na prática significava que a conversão do rei só por si, não resolvia o problema da difusão do catolicismo na região.

De Quimjim os religiosos voltaram para Cacheu. Desta vila, André de Faro e Salvador de Taveiro embarcaram para o Rio Nuno. A caminho do Rio Nuno aportaram em Bissau, onde tentaram converter o rei e este mostrou-se relutante em receber o baptismo, mas deixou bem claro que «[...] não impedia e ninguém de seu reyno que se quizesse bautizar e fazer cristão [...]»⁷. A sua mulher «maior» teve autorização para receber o batismo, uma vez que já tinha sido catequizada pelos padres.

Confessaram cerca de 130 pessoas e batizaram mais treze. Próximo da igreja de Bissau, que segundo André de Faro ficava junto ao mar, «os gentios tem huma china geral posta debaixo de huma arvore cuberta por uma cabana pequena», onde os habitantes, incluindo o próprio rei, prestam culto em determinados dias do ano, fazendo oferendas. Incomodado com esta manifestação, o capucho relata que só não pediu para que a *china* fosse retirada do local, por se encontrar com pressa para embarcar para o seu próximo destino.

Lamentando estas práticas religiosas, que denominou de «adorações ao diabo», afirmou que a falta de ministros do evangelho não ajudava a resolver esta questão porque a presença de religiosos na região ajudava a eliminar estas práticas.

A 30 de Abril de 1663 chegaram ao Rio Nuno, onde o rei já era cristão e se chamava D. Vicente. A igreja local, de invocação a Nossa Senhora da Graça, encontrava-se queimada, na sequência de um incêndio que havia destruído muitas habitações. Nesta povoação confessaram muitos cristãos e batizaram 54 pessoas. Ali permaneceram dois meses, tempo em que «todos os sabados cantavamos ladainha de nossa senhora, à qual, todos respondião, no final avia sempre pratica, todos os domingos e dias santos fazíamos doutrinas, às quais se juntavam toda a gente que avia, todos

⁵ O termo *china* era usado para designar de forma genérica os objectos e locais de culto animista. Segundo António Carreira anteriormente ao emprego do termo feitiço os locais onde se realizavam as cerimónias religiosas e os *ídolos* e *símbolos* tinham o nome comum de *China*, nas línguas africanas, do Senegal a Serra Leoa. A expressão *China* foi preservada entre os Felupes, Cassangas e Banhuns, na forma de *Chinabú*, com o acréscimo do sufixo *bú*; André Álvares de Almada no Tratado Breve dos Rios da Guiné descreveu estas práticas; ver: António CARREIRA, «Símbolos, ritualistas e ritualismos ânimo-feiticistas na Guiné Portuguesa», Separata do *Boletim Cultural da Guiné*, n.º 63, Ano XVI, Bissau, 1961, pp. 506-539.

⁶ MMA, vol. VI, p. 196

⁷ MMA, vol. VI, p. 198.

⁸ MMA, vol. VI, p. 20.

CARLENE RECHEADO

os domingos ao tempo da missa avia pratica, por meio dos quais exercícios muitos se tornavão a Deos, e muitos se bautizavam [...]»⁸.

Ao fim de dois meses de assistência, divididos entre a catequização dos gentios e o auxílio espiritual aos cristãos, chegou à região uma nau inglesa, com destino à Serra Leoa. A nau fez-se a vela a 18 de Junho transportando André de Faro, enquanto frei Sebastião de São Vicente ficou no Rio Nuno.

A dois de Julho e já na Serra Leoa, André de Faro viajou numa canoa, em direcção ao porto de Tumba, onde se encontrava o capuchinho espanhol Agostinho de La Ronda. O rei de Tumba já era católico. Os dois religiosos confessavam, batizavam e administravam os demais sacramentos. Depois, partiram para o interior da Serra Leoa:

«Passados quinze dias da minha chegada, me embarquei em huma canoa em companhia do ditto religioso, a fizemos a primeira sahida, a huma aldeia dos gentios, que estava duas legoas pelo rio adrentro, o maior que morava nesta aldeia hera hum fidalgo, já christão, o nome que tinha de gentio antes de se bautizar era Longô. Chegamos a dita aldeia, o fidalgo christão nos recebeu com cortezia [...]»

Esta incursão pelo sertão deteve-os alguns dias nesta aldeia, onde catequizaram e batizaram «os principais» da terra. Despertaram a ira dos gentios quando, frei André tirou um “ídolo” que estava no meio da aldeia, substituindo-o por uma cruz. Também destruiu duas *chinas* na casa de um gentio. O povo reagiu mal à atitude do capucho:

«[...] houve grande inquietação em à aldeia, e todos em hum corpo se levantarão em guerra, comtra quem fizera o dezacato, e derribara e zombara de seos idallos, e todos cercando a cazinha em que eu estava, com arcs, çetas o mosso que com migo estava fogio e se escondeu ficando so eu em caza, o outro religioso não sabia de nada, por estar a caza onde se agassalhara longe desta [...]»⁹

O religioso foi socorrido por um fidalgo¹⁰ cristão «que era o maior daquela terra» e pelos seus filhos, todos armados. O desagrado da população leva-nos a crer que não eram cristãos, ao contrário dos «principais da terra» que já tinham sido catequizados, de facto, os portos e aldeias onde chegavam, os missionários estabeleciam principalmente contacto com a elite local. Num segundo momento, tentavam evangelizar as populações. Depois, deste incidente André de Faro e Agostinho de la Ronda regressaram ao porto de Tumba.

Frei André de Faro viajou pelo rio acima na companhia de um «homem preto que sabia falar português». Aportaram num ilhéu, chamado Toso, onde, segundo o missionário os ingleses tinham uma casa de trato do marfim.¹¹

⁹ MMA, vol. VI, p. 205.

¹⁰ O nosso trabalho foi realizado com base numa fonte europeia, nestes documentos o chefe local africano, a sua família, bem como os seus os «principais da terra» são denominados por termos europeus, desta forma ao longo deste trabalho e de acordo com a documentação aparecem os termos: rei, fidalgo e príncipe; sobre a organização social dos povos da Costa Ocidental Africana ver: José da Silva HORTA, *ob. cit.*, pp. 207-224.

¹¹ MMA, vol. VI, p. 208.

Naquele ilhéu não vivia nenhum católico, os ingleses ofereceram-lhe agasalho e 20 dias depois arribou naquele porto, uma nau proveniente de Inglaterra. Cansado da sua peregrinação pela costa africana, o capucho decidiu regressar à Europa na embarcação, desistindo alguns dias depois da viagem.

Aproveitou-se que uma chalupa inglesa seguiu ao reino de Lagozes para buscar mantimentos e deslocou-se até aí. Encontrou uma igreja edificada, onde se recolheu durante a sua estadia¹². Catequizou muitos gentios durante cinco dias, no final dos quais celebrou 25 batismos; permaneceu doze dias nesta aldeia confessando muitos cristãos. D. Filipe rei dos lagozes, já era cristão antes da sua conversão tinha o nome gentio de Bolo Farê. André de Faro regressou ao ilhéu do Torso, onde se desentendeu com os ingleses, por administrar sacramentos na casa onde estava hospedado, que era propriedade deles.

Embarcou numa canoa com destino ao reino de Boylões, onde o rei D. Miguel era cristão. Muito poucos dos seus súbditos eram cristãos, mas conseguiu batizar 37 pessoas. A passagem por este reino ficou marcada pela conversão de um «fidalgo poderoso» chamado Bexari. O capucho procurou o «fidalgo» para catequizá-lo, uma vez que, depois do seu batismo, poderia converter outros dois gentios e as suas respectivas famílias, na medida que estes dependiam daquele, que era seu parente¹³. O religioso explicou ao «fidalgo» que ao receber o baptismo «gozaria das felicidades que gozavão os christãos» e teria uma segura entrada no céu. O gentio reagiu mal, agredindo-o e expulsando-o da sua casa. O padre foi queixar-se ao rei, e três «fidalgos» da casa do rei acompanharam-no no dia seguinte a casa de Bexari. Durante uma tarde, foi catequizado com «prolongada pratica», no final da qual, estava mais receptivo as palavras do padre¹⁴. No dia seguinte, ele aceitou ser batizado e o capucho passou a noite a catequizá-lo e ensina-lhe a doutrina cristã, recebendo o batismo na manhã seguinte.

Nesta conversão esta bem patente a importância do rei local na aceitação do catolicismo, neste caso, ao enviar «fidalgos» da sua casa, para ajudar o capucho, o rei indirectamente estaria a pressionar Bexari a escutar as palavras de André de Faro, tornando-o mais recetível à catequização.

O trabalho na Serra Leoa compreendeu saídas para o sertão, acompanhado por dois cristãos que serviam de intérpretes, chegando uma aldeia, onde segundo André de Faro, não foram reconhecidos como portugueses, devido aos trajes religiosos que usavam, acabaram por ser expulsos. O que nos leva a crer que os habitantes daquela aldeia nunca tinham sido visitados por missionários, o que é perfeitamente compreensível dado o escasso número de religiosos na região, e também devido ao facto da aldeia se situar no sertão da Serra Leoa. Viajaram depois, para outro porto, onde eram nativos os donos da canoa que os transportava. Neste porto, André de Faro permaneceu 19 dias, nos quais catequizou e batizou 27 pessoas, todas familiares de um português, que vivia há mais de 20 anos na Serra Leoa e tinha nove mulheres.

Despedindo-se da aldeia, embarcou numa canoa para fazer a viagem para o «ryo abaxo», contudo, devido às condições climáticas, ao fim de três dias e duas noites,

¹² MMA, vol. VI, p. 213.

¹³ MMA, vol. VI, p. 216.

¹⁴ MMA, vol. VI, p. 219.

CARLENE RECHEADO

a canoa chegou ao ilhéu dos ingleses¹⁵. Nesta terceira estadia, no ilhéu Taso, encontrou dois portugueses na casa dos ingleses, com o intuito de vender marfim e escravos. O padre fez menção que estava «[...] posta e publicada huma excomunhão do reverendo cabido de Cabo Verde, pera que nenhum português vendece negros aos ingleses nem a outros herejes¹⁶». Com a sua presença, os portugueses desistiram do negócio, desapontando os ingleses que pediram para se retirar do ilhéu. No dia seguinte chegou uma embarcação, que transportava frei Salvador Taveiro, que havia ficado em Rio Nuno.

Os dois religiosos trabalharam separados durante oito meses, este tempo, Salvador Taveiro, conseguiu muitas conversões nas aldeias vizinhas ao Rio Nuno, como era o caso de Gilbonto, onde batizou 54 pessoas, e numa aldeia onde vivia o «rei grande» onde batizou 23 pessoas. Dali embarcou para Ponga, onde demorou três meses na conversão dos gentios; nesta aldeia teve notícias que André de Faro se encontrava no ilhéu Taso, na Serra Leoa, e decidiu ir ao seu encontro. Nos últimos dias de André de Faro na Serra Leoa, este batizou cerca de 46 pessoas¹⁷.

Os dois religiosos partiram para o Rio dos Cáceres. Pelo caminho entraram numa aldeia, onde segundo o autor da relação, encontrou grande quantidade de *chinas*, com os mais variados ornamentos e oferendas. As *chinas* constituíam-se geralmente numa pequena cabana forrada com uma ou duas esteiras, com um pequeno altar com alguns seixos do tamanho de uma mão, cada membro de uma família tinha ali a sua pedra, mas também, podiam ser feitas com sangue de animais em vez de pedras e paus. Estas *chinas* eram erguidas nos caminhos, nas entradas e no meio das aldeias, como também nas habitações.

Os religiosos durante o processo de conversão pediam aos gentios que destruíssem estes locais de culto. Um claro exemplo foi o que aconteceu nesta aldeia. Quando tentavam converter «hum negro rico e poderezo» irmão do rei, e consequentemente pediram que destruísse os seus antigos objetos de culto, acabaram por ser expulsos da aldeia, sem conseguir nenhuma conversão.

Ao chegarem ao Rio dos Cáceres, encontraram sete navios portugueses¹⁸ vindos de Cacheu, para negociar um fruto chamado côla, em troca de panos de algodão. Os negros do Rio dos Cáceres por sua vez vendiam os panos de algodão aos mandingas¹⁹.

Ergueram uma ermida na aldeia de Cachimpim, onde rezaram a missa e confessaram os cristãos. Frei Salvador Taveiro partiu sozinho para o rio de Deponga e dali para o Rio Nuno. No Rio dos Cáceres André de Faro batizou 50 pessoas, tendo como padrinhos os capitães dos navios que estavam naquele porto. Partiu para o interior do reino na companhia de alguns portugueses e intérpretes, visitando muitas aldeias até ao fim do rio, em todas elas converteu muitos gentios. Recolhendo-se à aldeia de Cachimpim, no final desta viagem, deu continuidade às conversões, batizando alguns, escravos que os portugueses tinham comprado.

A 3 de Fevereiro embarcou numa barca de que era piloto um português natural

¹⁵ MMA, vol. VI, p. 228.

¹⁶ MMA, vol. VI, p. 228.

¹⁷ MMA, vol. VI, p. 231.

¹⁸ Sobre o comércio português na região ver: Maria Manuel Ferraz Torrão, “Rotas Comerciais, Agentes Económicos, Meios de Pagamento” in *HGCV*, Vol II, p. 17-123.

¹⁹ MMA, vol. VI, p. 236.

do Porto, chamado Manuel Correia de Sá; arribaram no porto de uma aldeia chamada Ratum, onde o chefe local já era cristão e chamava-se D. Pedro, e havia ali uma igreja. Batizaram dez pessoas nesta aldeia, ao fim de alguns dias de catequização. Continuaram a viagem por terra pelo interior, percorrendo muitas aldeias, entre elas a aldeia do rei Sago, que não quis receber o batismo, não obstante os dias e as noites que os religiosos perderam com a sua conversão.

Deixaram a barra do Rio dos Cárceres, em vinte de Abril de 1664²⁰. Após, vinte e três dias de viagem chegaram à ilha do Meio, no arquipélago dos Bijagós e no dia seguinte foram a ilha Roxa. Dali rumaram para o Rio Grande, onde chegaram a 15 de Maio.

Encontraram uma igreja coberta de palha e com as paredes de barro, que estava a cargo de um cristão natural da Guiné, o rei do Rio Grande já era cristão chamava-se Domingos Taborda, e recebeu-os muito bem, oferecendo-lhes frutas e uma vaca²¹. Muitos cristãos foram batizar os seus filhos. A comunidade cristã do Rio Grande era na sua maioria fruto do trabalho apostólico de frei Paulo de Lordelo e frei Sebastião de São Vicente, da primeira leva de missionários da Província da Piedade. André de Faro administrou os sacramentos aos cristãos e batizou 27 gentios. O religioso queria voltar para o Rio de São Domingos, mas o capitão da embarcação onde seguia tinha de ir à povoação de Farim. Nesta povoação batizou oito pessoas e confessou alguns homens de negócio. De Farim, depois de uma viagem de cinco dias, chegou à Bissau. Aí teve a notícia da morte de frei Paulo. Esteve mais três dias em Bissau, batizando «quinze pessoas todas filhos de pães e manis christans»²².

Em 5 de Junho, após 45 dias de viagem, chegou ao hospício da Piedade em Cacheu, onde encontrou o capuchinho espanhol frei João de Peralta.

Reencontrou também frei Salvador Taveiro, que tinha dividido o seu tempo no trabalho apostólico no Rio Nuno e no rio de Deponga. Mais tarde, André de Faro regressou a Bissau com a intenção de passar para o reino dos Balantas, mas soube que os nativos não consentiam a presença de brancos nas suas terras. Em Bissau adoeceu, tendo permanecido dois meses de cama. Passando a época das águas, que termina em Setembro, preparou-se para regressar a Cacheu, e dali começar a segunda grande viagem pelos rios da Guiné, na companhia de Frei Salvador Taveiro. Durante a viagem de regresso a Cacheu foi vítima de uma tempestade, dando à costa junto da região dos Felupes. Ele e os companheiros ficaram cativos dos gentios. Liberto, conseguiu finalmente chegar ao hospício de Cacheu, onde se encontrava Salvador Taveiro.

Esta viagem começou e terminou na vila de Cacheu e teve como principal objetivo a conversão da gentilidade da Guiné, contudo, não conseguiram a conversão de nenhum rei. Nos reinos e aldeias por onde passaram a maioria dos reis já era cristão e nos poucos casos em que não eram, não aceitaram o batismo, como foi o caso do rei de Bissau e do rei Sago. No entanto, conseguiram muitas conversões entre «os principais da terra» e as restantes populações. Demoravam dias a catequizá-los, ensinando-lhes a doutrina cristã, ao fim dos quais administravam-lhes o batismo, o objetivo principal do trabalho missionário. O relato do missionário terminou em Cacheu.

²⁰ MMA, vol. VI, p. 245.

²¹ MMA, vol. VI, p. 250.

²² MMA, vol. VI, p. 253.

CARLENE RECHEADO

Posteriormente, os religiosos regressaram à ilha de Santiago, de onde André de Faro regressou à Lisboa²³. Salvador Taveiro permaneceu em Cabo Verde, tendo regressado mais duas vezes à Guiné e falecido por volta de 1676.

De modo geral, André de Faro chegava às aldeias e povoações, estabelecia contactos com a população, colocava em prática o seu projeto evangelizador e no final imprimia o seu olhar, um olhar de viajante europeu, sobre as realidades africanas. Algumas vezes descrevia o fascínio que sentiu, outras apenas constatou, relatou ou reprovou as atitudes que considerava pouco cristãs, pouco civilizadas. O outro – o negro, cujo objetivo do seu trabalho era a «salvação da sua alma», aparece caracterizado de diversas formas, consoante a região. As contingências do meio, o esforço físico e psicológico, a luta pela sobrevivência quotidiana deixaram marcas na narrativa, na qual, os valores da expansão da fé cristã se sobrepunham às dificuldades do meio. Em todas as paragens, a ação evangelizadora, desdobrava-se em batismos, na pregação, nas confissões e na administração dos demais sacramentos.

A realidade missionária na Guiné, por si só complexa, englobava, muito mais do que a simples difusão da palavra de Deus. O frade estabeleceu contactos com os reis e os seus principais súbditos, com vista a obter apoios para a sua missão. A conversão da gentilidade teve momentos diferenciados, em algumas povoações os religiosos conseguiam muitas conversões, noutras eram simplesmente expulsos, sendo que em algumas demoram dias doutrinando e catequizando os autóctones, no final dos quais estes recebiam o batismo.

Quanto aos modelos didáticos da catequização do gentio, sobressai a forma como o religioso convidava o gentio a abraçar a fé católica, chegando a descrever no seu relato algumas conversões de forma pormenorizada, como foi o caso da conversão do «fidalgo» Bexari, no reino dos Boylões, na Serra Leoa. Desta conversão, resultou um detalhado relato, no qual é notório a persistência de André de Faro, fator decisivo na aceitação do batismo por parte do «fidalgo».

A ação missionária, feita de sucessos e insucessos, conduz à descrição da realidade, do negro, das suas qualidades e defeitos, sob um olhar europeu. Os conceitos «mau» e «bom» servem para catalogar os indígenas. Os maus, ao contrário dos bons e dóceis, ofereciam resistência à aceitação da nova religião, pondo em risco o programa missionário.

A existência de espaços e objetos sagrados para os africanos, dentro ou fora das habitações, como era o caso das *Chinas*, originaram muitos conflitos entre os padres e os autóctones. Estes locais de ligação entre o crente e a divindade, próprios das práticas das religiões africanas, representavam aos olhos dos missionários um exemplo de desunião com Deus, pelo que pediam para que fossem destruídas depois da conversão, o que acabava quase sempre por criar conflitos.

Conclusão

Em jeito de conclusão, dos muitos franciscanos da província portuguesa da Piedade que foram trabalhar para a diocese de Cabo Verde, apenas cinco missionaram

²³ FRANCISCO SANTIAGO, *ob. cit.*, p. 436.

na Guiné, sendo eles: frei Paulo de Lordelo e frei Sebastião de São Vicente da Beira, da primeira leva de missionários, e frei André de Faro, frei Salvador Taveiro e frei Francisco de Braga da segunda leva de missionários.

Em relação a Frei Francisco de Braga, depois da estadia dos missionários no reino dos banhuns, desapareceu dos relatos, cartas e demais fontes produzidas pelos missionários, desconhecendo-se a sua ação apostólica e os detalhes da sua vida nos «Rios da Guiné».

O trabalho apostólico de André de Faro e dos seus colegas sobressai pela quantidade de conversões e pela forma como estas se processam, aproveitando o trabalho da conversão dos reis feito durante as viagens dos seus antecessores. No entanto não havia um trabalho sistemático, nem fixação de missionários capuchos na Guiné. Durante as viagens visitavam comunidades, demoravam alguns dias ou nalguns casos, meses, ao fim dos quais partiam para outra povoação para converter mais gentios. As novas comunidades cristãs ficavam com fracas ligações à nova religião, às suas práticas e sacramentos, contribuindo para a fraca assimilação e preservação do cristianismo na região, sendo compressível por isso que reagissem tão drasticamente à destruição dos símbolos da sua religião antiga, como era o caso das *Chinas*.

A província da Piedade permaneceu na diocese até a criação da província da Soledade. A partir daí os capuchos da Soledade ocuparam-se na missão na Guiné.

Agradecimentos

Agradeço à minha colega Dulce Figueiredo pela revisão do texto.

Bibliografia

Fontes Impressas

- ALMADA, André Álvares de, *Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde*, pref. do Pe. António Duarte Brásio, Lisboa, Editorial L. I. A. M., 1964.
- BARCELLENSE, Francisco Santiago, *Chronica da Província de Nossa Senhora da Soledade*, Apresentação de Henrique Pinto Rema, Fac-simile Sara Costa, Lisboa, Província Portuguesa da Ordem Franciscana, [200-]- 2009.
- BRÁSIO, António, *Monumenta Missionária Africana*, 2.^a série, vols. VI, Academia Portuguesa de História, 1991.
- MONFORTE, Frei Manuel de, *Chronica da Província da Piedade*, Primeira Capucha de toda a Ordem e Regular observância de nosso Serafico Padre S. Francisco, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, 1751.

Estudos

- ALBUQUERQUE, Luís, SANTOS, Maria Emília (dir.), *História Geral de Cabo Verde*, vol. I e II, Lisboa, Junta de Investigação Científica Tropical, Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 1991- 2002.
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova ed. preparada e dirigida por Damiano Peres, vol. I, II, III, Porto, Portucalense Editora, Livr - Civilizações Editora, 1967 - 1971.

CARLENE RECHEADO

- AMORIM, Maria Adelaide, *Os franciscanos no Maranhão e Grão-Pará, missão e cultura na primeira metade de seiscentos*, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2005.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, III, IV, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, Mem Martins, Circulo de Leitores, 2000-2001.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. I, II, III, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Circulo de Leitores, 2000-2002.
- BARCELLOS, Christiano José de Senna, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, parte I, II, III, Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1899.
- BARRETO, João, *História da Guiné, 1418-1918*, pref. do coronel Leite de Magalhães, Lisboa, Impr. Beleza, 1938.
- BERSANI, Jacques, BALADIER, Charles, *Grande Atlas das Religiões*, Lisboa, Página Editora, 2000.
- BOXER, Charles R., *A Igreja e a Expansão Ibérica. 1440-1770*, Lisboa, Edições 70, 1989.
- BRÁSIO, António, *História e Missionologia. Inéditos e Esparsos*, Luanda, Instituto de Investigação Científica de Angola, 1973.
- CARVALHO, José Freitas de, «Manuel Severim de Faria: espiritualidades e realidades missionárias nas “Províncias de Guiné” no século XVII», sep. de Bracara Augusta, 38, 1984.
- CHÂTELLIER, Louis, *A Religião dos pobres, as fontes do cristianismo séc. XVI-XIX*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.
- DIAS, António Joaquim, *As missões católicas na evolução político-social da Guiné Portuguesa*, separata de Biblos, Coimbra, XIX, t. I, 1943.
- FARIA, Francisco Leite de, OFM. Cap., *A Primeira Missão dos Capuchinhos em Cabo Verde*, separata de Colectânea de Estudos, Braga, 2.^a série, ano V, n.º 1, 1954.
- HORTA, José da Silva, *A representação do africano na Literatura de Viagens, do Senegal à Serra Leoa (1453 -1508)*, dissertação de mestrado em História Moderna, apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990.
- HORTA, José da Silva, «A Guiné do Cabo Verde», produção textual e representações (1570 -1684), tese de doutoramento em História da Expansão Portuguesa apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002.
- KI-ZERBO, Joseph, *História da África Negra*, trad. De Américo de carvalho, Ed. rev. e actualizada pelo autor, Mem Martins, Europa-América, [D.L. 1979-D.L. 1982].
- LAEYE, Issaiaka-Prosper, «As Religiões da África Negra», in *As Grandes Religiões do Mundo*, Dir. de Jean Delumeau, trad. De Pedro Tamen, Lisboa, Editorial Presença, 1997.
- MELO, Márcia E. A. Sousa e, *Pela propagação da fé e conservação das conquistas portuguesas. As juntas das missões – Séculos XVII-XVIII*, tese de doutoramento em História, Universidade do Porto, 2002.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de, «Os franciscanos e a formação do Brasil», in *Itinerarium*, revista trimestral de cultura, Ano XIV, n.º 60, Abril-Junho de 1968, pp. 238-263.
- PINTO, Ana Alice Mendonça, *Um discurso da fé missionária: Relação de frei André de Faro*, dissertação de mestrado em Literaturas Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa, apresentada a faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.
- RECHEADO, Carlene, *As Missões Franciscanas na Guiné (Século XVII)*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- REGO, A. da Silva, *Curso de Missionologia*, Lisboa, 1956.
- REMA, Henrique Pinto, *As Missões Católicas da Guiné*, Braga, ed. Franciscana, 1982.
- SOUSA, Julião Soares, *A Guiné na Literatura Portuguesa de Viagens (Séculos XV-XVII)*, Dissertação de mestrado apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996.